

# BENDITO O SANGUE DE NOSSO VENTRE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E OS CAMINHOS PARA A SUBVERSÃO ATRAVÉS DAS RELAÇÕES FEMININAS

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

MILANEZ; Maria Luiza Diniz<sup>1</sup>

## RESUMO

### 1. Introdução

A escrita de Conceição Evaristo evoca as subjetividades entrelaçadas nas vivências únicas daquelas(es) que são empurrados diariamente às margens e encontram resistência ao tentar ser algo além do que lhes é imposto. Aos 77 anos, com sua escrevivência, Evaristo acumula anos de carreira literária e acadêmica, sendo seu prêmio mais recente o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano em 2022 e 2023, por sua obra “Canção para ninar menino grande”. Ademais, adquiriu grande influência no meio literário, tendo participado de grandes movimentos de ruptura da literatura brasileira, como a confecção dos *Cadernos Negros* na década de 1990, projeto literário de resistência e reafirmação da identidade e existência da escrita negra no Brasil.

Escrevivência, termo nascido de seu brincar com as palavras, traz a literatura um modo de escrever próprio, baseada não somente em suas próprias vivências, mas uma escrita-denúncia de toda uma comunidade.

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? [...] A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (Evaristo, 2005, p. 2)

Nos remetendo à conhecida frase de Audre Lorde, “A poesia não é um luxo” (*apud* Souza, 2020), Evaristo nos apresenta a literatura enquanto transformação do ser, enquanto uma forma de remediar a amarga realidade. Através de sua escrita, a autora expõe as plurais experiências da negritude brasileira, o belo, o poético, o dramático e o grotesco, uma escrita incômoda, que escancara a realidade e traz sede de mudança.

Desta maneira, o presente artigo propõe a análise literária de um dos poemas presente em sua antologia de poemas *Poemas de Recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2021). A coletânea, de lançamento no ano de 2008, apresenta reflexões acerca da realidade da negritude brasileira, da colonialidade, da inflexível estratificação social presente para quem nasce nas periferias e sobre a condição das mulheres negras.

Dentre os poemas, uma temática que se sobressai é a necessidade em estabelecer um sagrado feminino, uma celebração de aspectos que normalmente são ostracizadas socialmente, a exemplo da sexualidade feminina e a menstruação. Tal eixo temático nos possibilita uma visão analítica sobre empoderamento coletivo de mulheres através da celebração dos corpos com vulva, sendo assim presente no estabelecimento de um imaginário que ultrapassa o que é posto no culto ao pensamento eurocêntrico. Portanto, o texto se propõe a analisar o poema *Bendito o sangue de nosso ventre* (Evaristo, 2021, p. 34, 35), que explora o tema de maneira abrangente.

“Para Ainá, aos 19 anos, pela menstruação primeira” (Evaristo, 2021, p. 34), uma espécie de subtítulo ao poema, traz, consigo, a fonte de inspiração para seus versos e uma nova significância para a experiência coletiva a ser retratada neles. Especificamente, a marca da menarca de sua filha Ainá é representativa de uma grande vitória, visto que, ao nascer, as previsões médicas eram de que ela não ultrapassaria três meses de vida.

De onde fala, Evaristo se utiliza de sua escrevivência, de experiência única sua, para compor o coletivo. Especificamente, no esmiuçar da pesquisa, buscaremos analisar o originar do sagrado feminino através do empoderamento, representando assim uma das faces da decolonialidade. Para tanto, iremos utilizar os textos de Berth, *Empoderamento* (2019); Lugones, *Colonialidade e gênero* (2020); Sousa, *Os caminhos para existir: recompondo discursos e estratégias em direção à especificidade das mulheres negras* (2020); e Milanez (2022).

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, luizamilanez@hotmail.com

## 1. Fundamentação Teórica

Antes de aprofundar nossa análise, é necessário, primeiramente, apresentar a fundamentação teórica que irá dialogar com tal texto. Ao escrever *Empoderamento*, Berth (2019) estabelece que:

O empoderamento consiste em quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria, para levar as mulheres a atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente). (Stromquist *apud* Berth, 2019, p. 32)

Mesmo sendo um termo amplamente difundido na sociedade moderna, o empoderamento coletivo – oposto ao empoderamento individual, que visa a construção de poder de apenas uma pessoa, sem dimensionamento social – visa gerar mudanças de amplo impacto social. Se trata, em tese, perceber as capacidades que rodeiam cada membro de um grupo marginalizado e no enfoque a essas características (Zimmerman, Perkins *apud* Berth, 2019, p. 24). A escrivência de Evaristo, ao enxergar essas potencialidades e inseri-las em ambiente de mudança ou de amplo desejo de revolução, ao conduzir a narrativa e a linguagem poética de modo a enfatizar o poder dessas vivências, denota empoderamento coletivo.

Da mesma forma, no capítulo de tese intitulado *Os caminhos para existir: recompondo discursos e estratégias em direção à especificidade das mulheres negras*, Souza (2020) vai ressaltar a poesia negra feminina enquanto forma de reafirmação de existência, estabelecendo a poesia enquanto “campo de disputas e de negociação, engendrada desde um lugar político” (Souza, 2020, p. 36). Apoiada em Lorde e Nascimento (*apud* Souza, 2020), a pesquisadora reconhece a poética feminina negra como um local de encontro com seus poderes ancestrais reprimidos, com sua mais íntima potencialidade, e um dos meios para que isso emergja. Ainda, Souza menciona a produção da deslegitimação da produção intelectual produzida por mulheres negras e pessoas marginalizadas, definida por ela enquanto epistemicídio, que “continua a silenciar e colonizar sujeitos e saberes” (Souza, 2020, p. 49).

Partindo da ausência de uma crítica literária voltada a produções contra-hegemônicas numa perspectiva decolonial, Souza (2020) busca estabelecê-la apontando o importante papel das mulheres negras na “preservação/reinvenção da memória e da episteme africana.” (Souza, 2020, p. 53). Ademais, a pesquisadora explora as subjetividades das mulheres negras escritoras, reiterando a existência de identidades únicas e instáveis – plurais –, apesar dos saberes compartilhados.

[...] houve escritoras e escritores negros que problematizaram o racismo e trouxeram para a literatura sua condição afro-diaspórica, contudo a criação do conceito por um grupo de autoras/es negras/os é bastante significativa para a consolidação de um conhecimento dissidente, que produz uma contranarrativa da literatura brasileira, sob um viés etnicamente e politicamente consciente. (Souza, 2020, p. 65)

O viés da contranarrativa, em conjunto com a interseccionalização das subjetividades e a produção de episteme própria, nos remete ao que é posto por Lugones (2020) em seu texto *Colonialidade e Gênero*. Utilizando do conceito de colonialidade do poder, proposto pelo pesquisador Quijano (*apud* Lugones, 2020), Lugones busca sua ampliação ao inserir a categoria “gênero” na discussão.

O estudo proporciona a reflexão acerca da inserção da colonialidade na categoria gênero, sendo esta amplamente difundida enquanto “natural” juntamente a universalização do pensamento eurocentrista. Isto posto, há três características-chave presentes no conceito de colonialidade do poder, sendo estas: a colonialidade do saber, colonialidade do ser e a decolonialidade (Quijano *apud* Lugones, 2020). As características, nomeadas por Lugones (2020) enquanto “sistema moderno-colonial de gênero”, nos possibilita uma visão ampla e profunda da imposição colonial, bem como seu alcance histórico. Adicionalmente, associando-o às reflexões promovidas por Souza (2020) em seu capítulo de tese, é possível o entendimento da violência epistemológica enquanto estratégia de poder colonial-patriarcal, estando a manutenção deste poder elencada diretamente na

universalização da categoria mulher<sup>[1]</sup> e nos esforços – através das colonialidade – em minar as relações femininas.

Nesse âmbito, Lugones (2020) destaca que o poder se estrutura em relações de dominação, exploração e conflito. Essas três categorias estariam intrinsecamente associadas a quatro partes da vida humana, que são comandadas por atores sociais que disputam esse controle. Podemos citar, então, o sexo, o trabalho, a autoridade coletiva e a subjetividade/intersubjetividade como partes integrantes da vida humana, sujeitas às estruturas de poder que sustentam a colonialidade (Lugones, 2020). Nesse sentido, todas as áreas da vida que compreendem a atuação do sujeito estariam atravessadas pela modernidade e pela colonialidade do poder.

Entretanto, é preciso reconhecer que um ponto de vista capitalista, eurocêntrico e global acaba por invisibilizar as mulheres colonizadas, que são destituídas de poder e encontram-se em estado de subordinação, assim configurando-se em nova forma de violência epistemológica. Quando acrescida de termos raciais, a organização do gênero no sistema moderno/colonial (ou seja, dimorfismo biológico, organização patriarcal e heterossexual das relações sociais) ganha uma nova perspectiva. A própria invenção da “raça” “indica a reorganização das relações de superioridade e inferioridade estabelecidas por meio da dominação” (Lugones, 2020, p. 56). É, portanto, um encaixe das relações humanas em termos essencialmente biológicos, de maneira a impulsionar teorias eurocêntricas - e androcêntricas - a respeito dos papéis e das divisões sociais.

Na cadeia das classificações eurocêntricas, a dominação passa a ser intersubjetiva, à medida que, ao reproduzi-las, permite-se o surgimento de novas identidades geo-culturais e sociais. Sendo assim, o termo *colonialidade* se refere a algo que vai além da classificação racial. Segundo a estudiosa, é um fenômeno amplo que atravessa a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, bem como a produção de conhecimento (Lugones, 2020, p. 57). Logo, torna-se impossível não relacionarmos a solidariedade entre mulheres como uma estratégia de driblar os poderes de dominação da colonialidade, estritamente patriarcal, branca e heterossexual.

Isto posto, passamos agora para o momento final de nossa fundamentação teórica, onde iremos explicar, brevemente, a categoria analítica que irá nortear o momento de estudo do poema. O terceiro olho, categoria analítica cunhada por Milanez (2022) em dissertação de mestrado e em presente aprofundamento em tese de doutorado, reimagina as relações femininas no âmbito literário. Quase transcendental, o terceiro olho se respalda no empoderamento presente nas personagens mulheres e na capacidade em enxergar potencialidades, bem como na criação de ambientes de conforto para o compartilhamento de experiências, como explicitado na seguinte citação:

O terceiro olho, frio, calculista. Este olho pondera e cria estratégias antes de agir, não apenas possui a criticidade necessária para modificar a realidade; observa possíveis aliadas e de que forma cada uma poderia exercer algum papel através de suas ações cotidianas. (Milanez, 2022, p. 75)

Respalhada pelos estudos de teóricas como Rich, com seu *continuum lésbico*, Berth, com seu empoderamento, e Segato, com seu estudo decolonial acerca da misoginia institucionalizada (*apud* Milanez, 2022); a pesquisadora desenvolve uma categoria analítica que possibilita a reflexão acerca não apenas das estruturas patriarcais presentes no âmbito literário, mas também a maneira com que essas estruturas são neutralizadas/abaladas através do empoderamento mútuo presente na relação entre as personagens femininas. Por conseguinte, é necessário, para maior versatilidade da categoria, testá-la em conjunto a diversas subjetividades, interseccionalidade e modalidades literárias, sendo esta a justificativa para o uso de tal categoria na análise deste poema. Assim, iremos associar o originar de um sagrado feminino no poema *Bendito o sangue de nosso ventre* (Evaristo, 2021) às relações femininas e espaços de compartilhamento criados por elas.

## 1. Análise

Destarte, o próprio título do poema já é embebido de significados ao associar-se à uma famosa oração promulgada pela Igreja Católica, a Ave Maria, trocando suas palavras “bendito o fruto do vosso ventre”, que remete a Jesus Cristo, para “sangue do nosso ventre”, o que já nos traz a possível releitura e redirecionamento desta narrativa. Adicionalmente, o subtítulo, mencionado anteriormente, nos traz a temática já sugerida no título: uma celebração da menstruação.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, luizamilanez@hotmail.com

Minha menina amanheceu hoje  
mulher – velha guardiã do tempo.  
De mim ela herdou o rubi,  
rubra semente, que a  
primeira mulher nos ofertou.  
De sua negra e pequena flor  
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.  
Dali pode brotar um corpo,  
milagre de uma manhã qualquer. (Evaristo, 2021, p. 34)

Já na primeira estrofe, é ressaltada a experiência que passou com sua filha, que se faz presente em gerações de mães e filhas, a menarca. Através disto, ela ressalta sua ancestralidade ao falar da “primeira mulher”, podendo referir-se tanto à primeira mulher a habitar a terra quanto às suas ancestrais mais longínquas. A menstruação, vista por muito tempo como algo sujo, passa, através da escrivência de Evaristo, a ser vista enquanto dádiva, reescrevendo-a enquanto fonte de “vida-vazante”, através da qual há a possibilidade de gerar outro ser humano.

Ela jamais há de parir entre dores,  
velhas mulheres vermelhecem  
maravilhas há séculos  
e no corpo das mais jovens  
as sabias anciãs desenharam  
avermelhados símbolos,  
femininos unguentos,  
contrassinais a uma antiga escritura. (Evaristo, 2021, p. 34)

Já na segunda estrofe, nos deparamos com uma abordagem mais incisiva. Ao mesmo tempo em que nega as dores do parto (pauta também presente na bíblia), o eu-lírico ressalta a experiência feminina passada de geração em geração, um conhecimento contra-hegemônico (Lugones, 2020), através os corpos de mulheres mais jovens e mulheres adultas.

Este conhecimento de resistência, de empoderamento (Berth, 2019), possibilita a criação de lugares de saberes compartilhados, epistemologias decoloniais, contra a escritura eurocêntrica e determinante. A menstruação, ao invés de símbolo de vergonha, torna-se símbolo de orgulho, de celebração da fertilidade e do crescimento feminino.

E ela jamais há de parir entre dores,  
há entre nós femininas deusas,  
juntas contemplamos o cálice  
de nosso sangue e bendizemos  
o nosso corpo-mulher.  
E ali, no altar do humano-sagrado rito  
concebemos a vital urdidura

de uma nova escrita

tecida em nossas entranhas,

lugar-texto original. (Evaristo, 2021, p. 34, 35)

Neste momento, na terceira estrofe, é enfatizada sua contranarrativa ao repetir praticamente o mesmo primeiro verso que a estrofe anterior, reiterando a força feminina. Ademais, é salientada a presença de um sagrado feminino nas gerações, celebrando, novamente, a menstruação. O cálice do sangue, antes de um homem bíblico, agora torna-se o cálice menstrual sagrado, onde se bendiz o sagrado corpo-mulher, corpo-vida, corpo-criação. Reescrevendo o momento bíblico para um momento de “santa menstruação”, ela concebe-o como entranhado nos corpos de mulheres, uma nova escrita, uma nova epistemologia, um sagrado que é palpável.

E em todas as manhãs bendizemos

o nosso sangue, vida-vazante no tempo.

E nossas vozes, guardiãs do templo,

entoam salmos e ladainhas

louvando a humana teia

guardada em nossas veias. (Evaristo, 2021, p. 35)

No penúltimo verso, ela reitera o bendizer da menstruação, como “nosso” sangue, destacando a união feminina e a rede feminina de apoio, estabelecendo as mulheres como o centro de uma aura transcendental ativamente presente em sociedade. As vozes femininas, enquanto guardiãs, guardam o templo dos saberes antigos, saberes passados de geração em geração, o que nos remete às tradições orais, geralmente descartadas enquanto conhecimentos válidos pela colonialidade do saber (Lugones, 2020).

E desde todo o sempre

matriciais vozes celebram

nossas vaginas vertentes

veredas de onde escorre

a nossa nova velha seiva.

E eternas legiões femininas

glorificam, plenificadas de gozo,

o bendito sangue de nosso ventre,

por todos os séculos. Todos.

Amém. (Evaristo, 2021, p. 35)

No último verso, o eu-lírico finaliza sua oração, novamente afirmando a existência e resistência de uma tradição feminina sagrada, renovável e em constante movimento cíclico ao passo em que novas mulheres entram nesta experiência compartilhada. O movimento de exaltar a menstruação, exaltar o que nos possibilita, enquanto mulheres, de gerar outros seres humanos, resiste às estratégias patriarcais. A escrevivência presente no poema reafirma a presença da memória coletiva entre as mulheres, sobretudo às mulheres negras, centralizadas pelo eu-lírico através da “negra e pequena flor” (Evaristo, 2021, p. 34).

Insubmissa, Evaristo traz, através de *Bendito o sangue de nosso ventre*, seu terceiro olho (Milanez, 2022) em ação: enxerga, a partir das experiências compartilhadas da menarca e da menstruação em geral, marca temporal das mulheres, a potencialidade do lugar comum e o poder gerado por mulheres que entendem suas

particularidades, associando-as e somando-as às das mulheres ao seu redor. É demonstrada, além disso, a esperança no potencial de mudança que as comunidades femininas geram em sociedade, o poder subversivo causado pela contracorrente, onde é pontuado “por todos os séculos. Todos” (Evaristo, 2021, p. 35).

## 1. Últimas Considerações

Partindo de uma experiência particular de grande significância – a menarca de sua filha, Ainá –, Conceição Evaristo (2021) mergulha no mundo da subjetividade feminina, trazendo à tona não somente a experiência coletiva feminina da menstruação, mas também a sensação quase orgástica de uma rede feminina de apoio. Remetendo muito a oração cristã Ave Maria, ela traz, através do eu-lírico, uma reinvenção dos conceitos tradicionalistas de um deus homem, ressaltando as tradições orais presentes em grupos de mulheres e em grupos colonizados e subvertendo este conceito para encaixar-se em saberes normalmente marginalizados.

Tal premissa, aliada ao promulgado nas pesquisas de Berth (2019), Lugones (2020), Souza (2020) e Milanez (2022), evidencia o caráter revolucionário da escrivência de Evaristo, numa resistência ao epistemicídio. Portanto, há, ainda, a presença do empoderamento coletivo (Berth, 2019) enquanto forma de impulsionar outras mulheres, além do terceiro olho presente nas potencialidades representadas pelo grupo e pela esperança de mudança através de uma efetiva atuação (Milanez, 2022).

Por fim, o poema *Bendito o sangue de nosso ventre* (Evaristo, 2021) traz, de maneira eficaz, a celebração do feminino através do mote da menstruação, bem como a potencialidade da subversão feminina através de lugares de conforto e experiências em comum, proporcionando, assim, uma contranarrativa em relação aos saberes hegemônicos e dicotômicos (Lugones, 2020).

## 1. Referências

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

LIMA, Osmar da Silva. *Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/194-conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica#:~:text=Sua%20especial%20menina%2C%20Ain%C3%A1%2C%20tinha,especiais%2C%20na%20especificidade%20de%20corredora.>>. Acesso em: 09 fev. 2024.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MILANEZ, Maria Luiza Diniz. *De reacionária a revolucionária: a saga distópica de Tia Lydia em O Conto da Aia e Os Testamentos, de Margaret Atwood*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25797/1/MariaLuizaDinizMilanez\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25797/1/MariaLuizaDinizMilanez_Dissert.pdf) >

SOUZA, Heleine Fernandes. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

[1] Sendo esta: mulher branca/europeia e cisgênera;

**PALAVRAS-CHAVE:** Decolonialidade, Conceicao Evaristo, Crítica Feminista, Subversão, Relações Femininas

